

ANTAGONISMO E ELISÃO DAS VOGAIS ÁTONAS EM P. E.

Mark Ellison

INESC

M. Céu Viana

CLUL

1. Introdução

Tanto no Português Europeu (P.E.) como no Português do Brasil (P.B.), os encontros vocálicos resultantes da concatenação de palavras no corpo da frase podem ser resolvidos de diferentes modos: (1) as vogais em sequência permanecem inalteradas; (2) a primeira vogal é elidida permanecendo a segunda inalterada; (3) as duas vogais contraem-se numa só com abertura da vogal resultante ou (4) as duas vogais formam um ditongo se pelo menos uma delas for uma vogal alta.

Estas diferentes possibilidades de realização fonética das sequências vocálicas há muito que foram descritas e cuidadosamente sistematizadas por Gonçalves Viana [] e [] e Sá Nogueira [], cujos trabalhos mostram claramente que a prevalência de uma ou outra alternativa está relacionada não só com a natureza dos elementos em contacto mas também com a posição que essas sequências ocupam relativamente ao acento de palavra e ao acento de frase. Não é, por conseguinte, de estranhar que esta questão tenha recentemente sido objecto de um renovado interesse no quadro de teorias fonológicas não-lineares, tanto para o P.B.[] como para o P.E. [], pelos problemas que levanta não só no que diz respeito às representações fonológicas propriamente ditas, como à sua interpretação fonética.

Nesta comunicação ocupamo-nos novamente do modo como alguns destes encontros vocálicos são resolvidos em P.E.. Este varia,

como é bem conhecido, de dialecto para dialecto, sendo possível encontrar em dialectos da região Norte do país, numerosos exemplos de epêntese, fenómeno que é raro ou mesmo inexistente nos do Centro e Sul. A variação dialectal não é, no entanto contemplada aqui, sendo todas as nossas observações baseadas em produções de falantes originários da região de Lisboa.

Nesta região, as vogais átonas em posição final de palavra podem ser elididas quando a palavra seguinte começa também por uma vogal átona, como os exemplos em (1) ilustram.

- (1) uma torrę azul
 um barcø amarelo
 um povø unido
 um factø irrisório

Verifica-se, no entanto, que em casos como os apresentados em (2), por exemplo, a elisão dessa vogal é claramente evitada ou mesmo considerada impossível.

- (2) um salto alto
 um fogo óptimo
 um cavalo árabe
 um vestido âmbar

As diferenças observadas no modo como os encontros vocálicos são resolvidos num e noutro caso explicar-se-iam, de acordo com Frota [], pela necessidade de evitar antagonismos acentuais. A regra de elisão da primeira vogal da sequência seria assim bloqueada nas formas em (2), uma vez que a supressão dessa vogal criaria uma sequência de duas sílabas fortes seguidas.

Para descrever as condições em que a elisão é favorecida ou bloqueada, parece-nos de facto necessário considerar a interacção de um conjunto de restrições (ou condições) em conflito, o que nos propomos fazer no quadro da teoria da optimidade (cf. Prince e Smolensky [], McCarthy e Prince [] e [])..

O nosso objectivo é mostrar que a elisão e a ditongação são fenómenos funcionalmente relacionados, cuja prevalência se explica pela necessidade de garantir a melhor realização fonética possível em termos da estrutura prosódica global, não sendo necessário para esse

efeito recorrer a regras que supõem transformações de elementos fonológicos e que apenas são relevantes para estruturas intermédias construídas por outras regras.

2. O antagonismo acentual

A necessidade de evitar antagonismos acentuais parece ser, de facto, uma tendência bastante geral nas línguas, estando na origem de fenómenos de desacentuação ou deslocação do acento. Em Inglês, por exemplo, quando uma palavra acentuada na última sílaba é seguida de outra, acentuada na primeira, o primeiro acento recua para a sílaba imediatamente anterior, se se tratar de um dissílabo, ou para a próxima sílaba, mais à esquerda, onde já exista um acento secundário, como os exemplos em (3) ilustram.

(3)	thirtéen mén	→	thirteen mén
	Tènnessé áir	→	Ténesse áir

Lieberman e Prince [], de onde estes exemplos foram extraídos, propõem uma regra de inversão jâmbica para desfazer o antagonismo. Referem, no entanto, que se trata de uma regra opcional que depende do intervalo entre os dois acentos e pode não se aplicar (cf.(4b)), se esse intervalo for aumentado por um alongamento pré-fronteira.

(4) a.	rabbits réproduce quíckly	←	reprodúce
b.	rabits reprodúce véry quickly	→	* réproduce

Nespor e Vogel [], apresentam vários exemplos de ocorrência de um fenómeno semelhante no Italiano standard do Norte, dos quais extraímos os apresentados em (5).

(5)	metá tórta	→	méta tórta
	si presènterá béne	→	si preséntera béne
	dèlucìderó tútto	→	dèlucídero tútto
	sará státa ammazzata, la vipera	→	sára státa ammazzata, la vipera

Se apenas o antagonismo acentual estivesse em causa, a ditongação destas formas deveria ser obrigatória, como acontece em (8) para um padrão exactamente idêntico. No Português do Brasil e em alguns dialectos de Portugal, a pronúncia correspondente à transcrição assinalada com '-' é, efectivamente, a única observada para estes casos. A transcrição assinalada com '+' corresponde, no entanto, à pronúncia mais generalizada em P.E. (cf. [] []) e a única que ocorre no conjunto de dados por nós considerados.

3. O efeito da qualidade da vogal

Tendo em consideração os exemplos acima, nomeadamente em (8) e (10), verifica-se que, para um mesmo padrão acentual a elisão pode ser favorecida ou desfavorecida, dependendo da qualidade da vogal. Quando a vogal final da primeira palavra é um [i], este é elidido mesmo quando daí resulta um antagonismo acentual. A elisão não ocorre contudo quando esta vogal é um [u]. O efeito da qualidade da vogal manifesta-se também, mesmo quando não são criados antagonismos acentuais, como os exemplos em (11) ilustram. Neste caso, as vogais átonas [+altas] que ocorrem na mesma posição não são realizadas foneticamente, ao passo que a vogal [e] tende claramente a se preservar.

(11) a.	a casa <i>amarela</i>	[e]	[e]	→	[a]
	a casa <i>isolada</i>	[e]	[i]	→	[e], [i]
	a casa <i>horrorosa</i>	[e]	[ɔ]	→	[ɔ]
	a casa <i>escura</i>	[e]	[i]	→	[e]
	uma terra <i>unida</i>	[e]	[u]	→	[ew], [u]
b.	um fogo <i>apagado</i>	[u]	[e]	→	[e]
	um fogo <i>isolado</i>	[u]	[i]	→	[i]
	um fogo <i>horroroso</i>	[u]	[ɔ]	→	[ɔ]
	um fogo <i>estranho</i>	[u]	[i]	→	∅
	um povo <i>unido</i>	[u]	[u]	→	[u]
c.	a torre <i>amarela</i>	[i]	[e]	→	[e]
	a grande <i>imagem</i>	[i]	[i]	→	[i]
	o forte <i>orgulho</i>	[i]	[ɔ]	→	[ɔ]
	a torre <i>escura</i>	[i]	[i]	→	∅
	uma tese <i>unificadora</i>	[i]	[u]	→	[u]

4. O efeito do acento de palavra

O efeito do acento de palavra é também muito claro, como todos os autores que se ocuparam desta questão, tanto para o P.E. como para o P.B., têm repetidamente vindo a chamar a atenção.

(12) a. V ₂ átona		b. V ₂ tónica	
um fogo <i>apagado</i>	[ɐ]	um salto <i>alto</i>	[wa]
uma casa <i>amarela</i>	[a]	muita <i>agua</i>	[ɐa]
a torre <i>amarela</i>	[ɐ]	um forte <i>alto</i>	[a]
um povo <i>unido</i>	[u]	um salto <i>único</i>	[wu]
um fogo <i>horroroso</i>	[ɔ]	um salto <i>óptimo</i>	[wɔ]

A resolução dos encontros vocálicos dos exemplos em (12b) é, por conseguinte, bastante distinta da observada nos exemplos em (11 e 12a), verificando-se, de facto, que quando a primeira vogal da segunda palavra (V₂) é acentuada, tanto a elisão como a coalescência são claramente evitadas. Assim, à excepção do exemplo em que o primeiro dos elementos vocálicos em contacto é um [i], todos os outros encontros resultam num ditongo ou mesmo num hiato.

4. O efeito do acento de frase

Uma observação fundamental, que se deve a Sá Nogueira [], e que Frota [] explicitamente reonhece, diz respeito ao acento de frase. Este autor mostra que, sendo tudo o resto igual (entendendo-se por 'resto' a qualidade das vogais em contacto e a localização do acento de palavra), há diferenças significativas na forma como os encontros vocálicos são resolvidos em função do acento de frase. Comparemos, por exemplo, as sequências de palavras em (13 a. e b.). As duas primeiras palavras são iguais e, na sua fronteira ocorrem, por conseguinte, encontros vocálicos exactamente idênticos. A resolução destes encontros é, no entanto, completamente diferente. Nos casos em (13a), formalmente idênticos aos de (12), tanto a elisão como a contracção são efectivamente bloqueadas, o mesmo não se verificando, no entanto, para nenhuma das sequências em (13b), onde a vogal final da primeira palavra pode sempre ser elidida.

(13) a. V_2 c/ acento de frase		b. V_2 s/ acento de frase	
muita <i>á</i> gua	[ea]	muita <i>á</i> gua quente	[a]
uma casa <i>hú</i> mida	[eu]	uma casa <i>hú</i> mida demais	[u]
uma casa <i>ó</i> ptima	[eo]	uma casa <i>ó</i> ptima para viver	
um forte <i>a</i> lto	[e]	um forte <i>a</i> lto e isolado	
verde <i>ú</i> nico	[u]	verde <i>ú</i> nico e estranho	
uma fase <i>ó</i> ptima	[o]	uma fase <i>ó</i> ptima e prolongada	
um salto <i>a</i> lto	[wa]	um salto <i>a</i> lto demais	
um salto <i>ú</i> nico	[wu]	um salto <i>ú</i> nico e fabuloso	
um salto <i>ó</i> ptimo	[wɔ]	um salto <i>ó</i> ptimo demais	

Sá Nogueira [] nota que, em casos como os de (13a), o segundo elemento em contacto (V_2) é simultaneamente portador de acento de palavra e de acento de frase, ao passo que em casos semelhantes aos de (13b) apenas o acento de palavra recai sobre esta vogal. Estas observações, cuja justeza os nossos dados confirmam, levantam um certo número de questões no que respeita à análise destes encontros vocálicos apresentada em Frota []. Repare-se, por exemplo, que sendo o antagonismo acentual mínimo suportado em P.E., o apresentado em (7), só as realizações em (13a) são adequadamente descritas e, mesmo assim, apenas em parte. De facto, se tanto as regras de ditongação como as de elisão tivessem por domínio I^{max} , domínio entonacional composto, proposto por Ladd [], e a presença/ausência de antagonismo acentual fosse o factor decisivo para a prevalência de uma ou de outra, todos os encontros vocálicos assinalados em (13) deveriam resultar num ditongo crescente ou num hiato, o que manifestamente nem sempre acontece.

No quadro da fonologia prosódica e na linha de investigação dos trabalhos de Nespor e Vogel [], em que Frota [] se insere, seria certamente possível sugerir análises alternativas. Se ignorarmos, de momento, os casos de alternância entre [i], [j] e \emptyset , a forma como são resolvidos os encontros vocálicos nestes casos poderia ser encarada não como um argumento a favor da invisibilidade do constituinte prosódico ϕ , mas antes como um elemento a favor da sua pertinência. De facto, à semelhança do que acontece em Italiano e em Inglês, os antagonismos acentuais apenas são claramente evitados quando as duas vogais em contacto se encontram numa mesma frase fonológica, sendo a elisão favorecida nas suas fronteiras, como os exemplos em (13b) mostram.

De qualquer modo, o nosso objectivo é outro: o de capturar o conjunto de factores que condicionam a forma como são resolvidos em P.E. os encontros de vogais em fronteira de palavra, e procurar formalizar as generalizações não em termos de regras mas apenas da interacção de restrições. A teoria da optimidade é um dos quadros teóricos que, nos últimos anos, tem vindo a pôr em causa as abordagens baseadas em regras e estádios de derivação. Distingue-se, no entanto, de outras abordagens estritamente declarativas e baseadas em restrições, por não permitir parametrizações específicas para as línguas particulares e pela forma como encara a interacção dessas restrições. O facto de procurarmos analisar os encontros vocálicos neste quadro não significa, no entanto, que consideremos que os mecanismos de resolução de conflitos que fornece seja superior a outros. Trata-se, antes, de uma primeira tentativa de estabelecer generalizações apenas em termos de restrições e de testar a adequação dessas generalizações para descrever um conjunto de dados.

5. A Teoria da Optimidade (O.T.)

A teoria da optimidade (OT, do Inglês *Optimality Theory*) assume que todas as operações estruturais são realizadas por uma função da gramática universal, designada como GEN (abreviatura do Inglês *Generator*), que actua sobre quaisquer materiais linguísticos fornecidos como entrada e gera um conjunto (possivelmente infinito) de candidatos a possíveis formas de superfície (saída), com base num conjunto universal de condições de boa formação estrutural. As gramáticas das línguas particulares correspondem apenas a hierarquizações específicas dessas condições de boa formação que podem ser encaradas como restrições com efeitos significativos sobre as formas de superfície. Uma vez que todas estas restrições, e não apenas algumas, estão universalmente presentes nas gramáticas particulares, os conflitos são frequentes e todas as restrições são, por princípio, violáveis. Os conflitos são resolvidos em função de cada hierarquia particular de restrições, por uma função da gramática universal (EVAL, do Inglês *Evaluation*). Esta função avalia comparativamente todos os candidatos produzidos por GEN para uma particular hierarquia de restrições e selecciona o candidato óptimo. O candidato óptimo é o que melhor satisfaz essa hierarquia, isto é o que apresenta o menor número de violações das restrições hierarquicamente dominantes.

A construção de uma gramática consiste, fundamentalmente, na determinação da hierarquia mais adequada para descrever o conjunto de formas de superfície da língua. As análises são graficamente representadas num quadro de restrições que constitui simultaneamente um importante utensílio de cálculo. Um quadro típico é o apresentado em Prince e Smolenski [] que reproduzimos em seguida.

(14). Quadro de restrições, $A \gg B$, $/in_k/$

Candidatos	A	B
\checkmark k-cand _{k1}		*
k-cand _{k2}	*!	

Este quadro representa uma análise em que apenas são consideradas duas restrições designadas como 'A' e 'B', em que 'A' é hierarquicamente superior a 'B' ($A \gg B$). No quadro propriamente dito, as restrições são apresentadas da esquerda para a direita por ordem decrescente de dominância.

Para um determinado material linguístico de entrada ($/in_k/$), a função GEN produz um conjunto de candidatos possíveis que são apresentados na coluna mais à esquerda (neste caso apenas um subconjunto). Esses candidatos são, avaliados por EVAL, em função da hierarquia específica das restrições ($A \gg B$), sendo seleccionado o candidato óptimo que é, em geral, assinalado com ' \checkmark ' ou ' \surd '. De um modo geral, as violações das restrições são marcadas com asterisco ('*'), sendo as violações determinantes assinaladas também com '!'. Neste quadro hipotético, cada restrição é apenas violada uma vez. Repare-se, no entanto que se 'B' apresentasse duas violações (***) o resultado final seria o mesmo, uma vez que 'A' é hierarquicamente superior a 'B' e a sua violação é determinante. O sombreado na coluna da direita, é uma forma de pôr em evidência a irrelevância da restrição B para a selecção do candidato.

6. Restrições prosódicas

Apesar de nos últimos anos se ter vindo a desenvolver um enorme esforço de investigação sobre a forma como os elementos fonológicos se agrupam em constituintes, não existe ainda um acordo generalizado nem sobre o grau de recursividade dessa estrutura nem sobre o

papel que esses constituintes desempenham na determinação das formas de superfície. É geralmente aceite, no entanto, que os elementos fonológicos se agrupam em constituintes a diferentes níveis: os 'segmentos' em sílabas (σ), as sílabas em pés (Σ), os pés em palavras (w) e as palavras em frases (F) e que cada um destes constituintes contém pelo menos um elemento (a cabeça): a palavra acentuada na frase, a sílaba acentuada na palavra, o Núcleo silábico na sílaba. É também comumente aceite que, em todas as línguas, pelo menos a fronteira de um dos constituintes a um determinado nível é partilhada com a fronteira de outro constituinte de nível imediatamente superior ou inferior e que muitos dos fenómenos que, em certos quadros teóricos, desencadeiam reajustamentos ou reestruturações estão relacionados com a emergência de conflitos junto dessas fronteiras.

Na Teoria da optimidade há uma família de restrições que descreve o modo como as diferentes categorias prosódicas são alinhadas nas línguas. Estas restrições, ditas de Alinhamento (cf. MacCarthy e Prince []), especificam as categorias e os limites que estas partilham e podem ser representadas da seguinte forma:

- (15) Alinh($[w, [\Sigma$) - Alinhar o limite esquerdo de uma palavra com o limite esquerdo de um pé.
 Alinh($] \Sigma,]w$) - Alinhar o limite direito de um pé com o limite direito de uma palavra

As duas restrições de alinhamento em (15), estão obrigatoriamente em conflito nos trissílabos e a forma como o conflito é resolvido no quadro da Teoria da optimidade depende da sua hierarquização na língua.

- (16). Alinh($[w, [\Sigma$) \gg Alinh($] \Sigma,]w$), / $\sigma\sigma\sigma$ /

Candidatos	Alinh($[w, [\Sigma$)	Alinh($] \Sigma,]w$)
a. φ $[(\sigma\sigma)\sigma]$		*
b. $[\sigma(\sigma\sigma)]$	*!	

Se a ordem de dominância das restrições for a inversa, a forma óptima seleccionada é obrigatoriamente a outra, como (17) ilustra.

- (17). Alinh($] \Sigma,]w$) \gg Alinh($[w, [\Sigma$), / $\sigma\sigma\sigma$ /

Candidatos	Alinh($] \Sigma,]w$)	Alinh($[w, [\Sigma$)
a. $[(\sigma\sigma)\sigma]$!*	
b. φ $[\sigma(\sigma\sigma)]$		*

Para uma análise dos materiais observados acima para o P.E., parece-nos necessário considerar um conjunto de restrições de alinhamento que têm por efeito a compressão de materiais linguísticos que se encontram fora das cabeças de constituinte.

- (18) Alinh([w, [φ) - Alinhar o limite esquerdo da palavra acentuada da frase com o limite esquerdo da frase
 Alinh({σ, [w) - Alinhar o limite esquerdo da sílaba acentuada da palavra com o limite esquerdo da palavra.
 Alinh(]w,] φ) - Alinhar o limite direito da palavra acentuada da frase com o limite direito da frase
 Alinh(]σ,]w) - Alinhar o limite direito da sílaba acentuada da palavra com o limite direito da palavra.

A necessidade de todas as sílabas terem um ataque preenchido, depende da sua ordem de proeminência: quanto mais proeminente for a sílaba, mais importante é o ataque. Por ordem decrescente de proeminência relativa teremos

- (19) sílaba acentuada da palavra
 sílaba átona pesada
 sílaba átona cuja cabeça é um [v]
 sílaba átona cuja cabeça é uma vogal alta
 sílaba átona com o núcleo vazio

7. Restrições de análise

Há restrições gerais de boa formação que estão directamente relacionadas com a forma como os elementos fonológicos são processados.

- (20) a. PREENCHER (Inglês 'FILL') – Estipula que todas as posições da estrutura devem ser preenchidas com elementos que ocorrem nas formas de base e previne, por conseguinte, as epênteses.
 b. ANALISAR (Inglês 'PARSE') – Estipula que todos os segmentos da representação de base devem ser associados a uma posição na estrutura prosódica.

Repare-se, contudo, a restrição global em (20b) é geralmente expressa por categorias. Por exemplo, ANALISAR-C é uma restrição que associa a todas as consoantes uma posição na estrutura mesmo quando essa associação tem por efeito a criação de uma sílaba com núcleo vazio. ANALISAR-V, atribui a todas as vogais também uma posição na estrutura. A necessidade de atribuir um lugar na estrutura não é, no entanto, idêntica para todas elas, como vimos atrás, e a prioridade também é estabelecida de acordo com a sua proeminência relativa. Tal como para o preenchimento dos ataques silábicos, a prioridade é, por ordem decrescente:

- (21) vogal acentuada da palavra
- vogal átona pesada
- 6-átono
- vogal átona alta

8. Análise

Como no dialecto do P.E. de que nos temos vindo a ocupar, as epênteses são raras ou mesmo inexistentes, a restrição PREENCHER tem de ocupar necessariamente um lugar dominante na hierarquia. Todas as restrições ANALISAR que dizem respeito ao processamento de sílabas e vogais acentuadas ou pesadas e a vogais não-altas, são ordenadas em P.E. numa posição dominante em relação às restrições de alinhamento em (18).

A restrição ATAQUE- σ , que estipula um ataque preenchido para todas as sílabas acentuadas é hierarquicamente mais elevada do que ANALISAR-U que atribui às vogais altas um lugar na estrutura prosódica.

No quadro em (22) apenas estão representadas as restrições cuja ordenação é essencial para descrever a forma como são realizados os encontros de vogais em P.E. Repare-se que as restrições PREENCHER, ANALISAR-C, ANALISAR-pesadas, etc, são totalmente satisfeitas para todos os subconjuntos de candidatos apresentados, não sendo, por isso, necessário mostrá-las. No quadro são utilizados os símbolos ':' para indicar fronteiras de sílaba, '{ }' as fronteiras de palavra e '[']' as fronteiras de frase. Os pés não são, de momento, contemplados.

A teoria da optimidade, à semelhança da maior parte das teorias prosódicas, não admite recursividade abaixo do nível da palavra. Põe no entanto como hipótese de que acima deste nível possa existir uma recursividade limitada. Podemos admitir, no entanto, que essa recursividade não existe e que as palavras se agrupam directamente em frases entonacionais

(22). Alinh (σ , w) \gg Alinh(w , \emptyset) \gg ATAQ- σ \gg ANALIS-U

/X/	Candidatos	Alinh (σ , w)	Alinh (w , \emptyset)	ATAQ- σ	ANALIS-U
1. a.	$[-\{fO.gu\}\{6.m6.re.lu\}]$	4	4	0	0
b.	$[-\{fO.g\}u\{6.m6.re.l\}u]$	2	3	0	2
c.	$[-\{fO.g\}\{u6.m6.re.l\}u]$	2	3	0	1
2. a.	$[-\{sal\sim.tu\}\{al\sim.tu\}]$	4	5	1	0
b.	$[-\{sal\sim.t\}u\{al\sim.t\}u]$	2	4	1	2
c.	$[-\{sal\sim.t\}\{ual\sim.t\}u]$	2	4	0	1
3. a.	$[-\{sal\sim.tu\}\{al\sim.tu\}\{d.m6jS\}]$	5	9	1	0
b.	$[-\{sal\sim.t\}u\{al\sim.t\}u\{d.m6jS\}]$	3	7	1	2
c.	$[-\{sal\sim.t\}\{ual\sim.t\}u\{d.m6jS\}]$	3	8	0	1
4. a.	$[-\{sal\sim.tu\}\{O.ti.mu\}]$	6	5	1	0
b.	$[-\{sal\sim.t\}u\{O.ti.m\}u]$	4	4	1	2
c.	$[-\{sal\sim.t\}\{uO.ti.m\}u]$	4	4	0	2
5. a.	$[-\{sal\sim.tu\}\{O.ti.mu\}\{d.m6jS\}]$	6	11	1	0
	$[-\{sal\sim.t\}u\{O.ti.m\}u\{d.m6jS\}]$	4	9	1	2
	$[-\{sal\sim.t\}\{uO.ti.m\}u\{d.m6jS\}]$	4	10	0	1
6.	$[-\{for.t\}\{al\sim.tu\}]$	3	4	1	0
	$*[-\{for.t\}\{\emptyset\}al\sim.t\}u]$	2	4	0	0
	$[-\{for.t\}\{al\sim.t\}u]$	2	4	1	0

O candidato (b) do último exemplo corresponderia a uma situação em que o ataque da sílaba acentuada da segunda palavra seria preenchido por um elemento que não se encontra na forma de base, situação que corresponde a uma violação de PREENCHER, restrição hierarquicamente superior a qualquer destas, razão pela qual é imediatamente eliminado.

Repare-se que, neste caso, utilizámos números para marcar a quantidade de vezes que cada restrição é violada. Trata-se apenas de uma questão de economia de espaço, pois o número efectivo de vezes

que uma restrição é violada só conta quando esta é determinante e apenas em termos relativos de '+' e '- '.

10. Considerações finais

Na análise que acabámos de apresentar, o antagonismo acentual não é considerado. Não queremos com isto significar que ele seja inoperativo em P.E. mas apenas que não é determinante nem suficiente para descrever o conjunto de condições que governam a elisão em P.E.. A elisão é promovida por um conjunto de restrições de alinhamento que minimiza a quantidade de materiais que têm de ser analisados e é bloqueada por restrições que requerem que os segmentos sejam analisados e que as sílabas não tenham ataques vazios. A forma como estas restrições se encontram hierarquicamente ordenadas depende da proeminência das unidades prosódicas envolvidas e ainda da proeminência intrínseca dos segmentos.

Esta análise não nos satisfaz ainda plenamente.

Agradecimentos

A análise aqui apresentada reflecte parte do trabalho realizado para o P.E., no âmbito dos projectos HCM-ELSNET/PLP e JNICT-PCSH/CED/340.92.

Referências

- [1] BJSOL, Leda (1992) – "Sândi vocálico externo". In R. Ilari (Org.), Gramática do Português Falado. Campinas, Unicamp, Vol. II, pp. 23-38.
 - [2] CLEMENTS, G. N. & S. J. KEYSER (1983) – CV phonology: a general theory of the syllable. Cambridge, Mass., M.I.T. Press.
 - [3] CORNU, Jules (1...) – "Phonologie syntactique et mesure des mots". *Romania*, XII: ...-....
 - [4] FROTA, Sónia (1994) – "Prosodic phrases and European Portuguese: in search for evidence". Comunicação apresentada no Encontro Console III, Veneza (para publicação).
 - [5] LADD, R. (1992) – "
 - [6] LIBERMAN, M. e A. PRINCE (1977) – "On stress and linguistic rhythm". *Linguistic Inquiry*, 8:249-336.
- MCCARTHY, J. e A. PRINCE (1993) – "Generalized alignment". Universidade de Massachusetts, Amherst e Universidade de Rutgers, MS.

- [7] NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1938) – *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.
- [8] NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1941) – *Tentativa de explicação dos fenómenos fonéticos em português.*, Lisboa, Livraria Clássica Editora (2ª edição, 1958).
- [9] PRINCE, A. e P. SMOLENSKY (1993) – "Optimality Theory: Constraint interaction in generative grammar. Universidade de Massachusetts, Amherst e Universidade do Colorado, Boulder, MS.
- [10] VIANA, A. R. Gonçalves (1883) – "Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne". *Romania*, 12: 29-98 (reedições: *Boletim de Filologia*, 7, 1941, pp. 161-243; *Estudos de Fonética Portuguesa*, 1973, pp.83-152).
- [11] VIANA, A. R. Gonçalves (1902) – *Portugais: phonétique et phonologie, morphologie, textes.*. Leipsig, Treubner. (reedição *Estudos de Fonética Portuguesa*, 1973, pp 267-270).
- [12] VIANA, A. R. Gonçalves (1906) – "Quantidade prosódica das vogais em português: diferenciações de sentido". *Revue Hispanique*, 15: 24-27. (reedição *Estudos de Fonética Portuguesa*, 1973, pp 267-270).